



Evolução da população de favelas na cidade do Rio de Janeiro: uma reflexão sobre os dados mais recentes

N° 20020201
Fevereiro - 2002

Paulo Bastos Cezar (IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade:

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Submissão dos artigos:

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

Conselho Editorial:

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

Coordenação Técnica:

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

Apoio:

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE FAVELAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS DADOS MAIS RECENTES*

Paulo Bastos Cezar (IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)

Para quem estuda a cidade, o Censo Demográfico é uma fonte de informações que se alcança a conta-gotas, como as novelas de TV. Não que o IBGE goste de suspense; de fato os processos de preparação, tabulação e crítica de um Censo exigem anos de trabalho. Por isso mesmo cada vez que sai um resultado, mesmo que preliminar, os pesquisadores buscam interpretar tendências e significados. E a cidade tenta conhecer um pouco mais sobre si mesma.

Já sabíamos que na década de 90 a população total havia crescido, a um ritmo um pouco mais rápido que na década anterior. A taxa geométrica média passou de 0,67% ao ano para 0,73% ao ano. O Censo de 2000 não confirmou a tendência para a estabilidade demográfica apontada pela pesquisa anterior do IBGE, a Contagem Populacional de 1996. Mas os detalhes do que aconteceu (mais migrações? mais filhos? mais longevidade?) só vamos conhecer com os resultados completos do Censo, a serem divulgados aos capítulos até 2003.

Os números que foram divulgados recentemente¹ mostram resultados separados para aquilo que o IBGE chama de *aglomerados subnormais*, setores da cidade tradicionalmente associados às nossas favelas.

Para o IBGE, *aglomerados subnormais* são grupos de mais de 50 unidades habitacionais dispostas de modo “desordenado e denso”, sobre solo que pertence a terceiros, e “carente de serviços públicos essenciais”. Opõem-se aos setores *normais*², que por exclusão constituem a cidade formal. Não podemos ver aí categorias de conteúdo sociológico. O IBGE utiliza essa divisão mais para efeitos de organização do trabalho de coleta de dados em campo. Procure definir, por exemplo, a linha divisória entre favela e bairro no morro do Vidigal, ou tente explicar as diferenças entre invasões, favelas e loteamentos irregulares na zona oeste. Matizes como esses não reconhecem os limites do *subnormal*.

* Colaboraram Alcides Carvalho, Fernando Cavallieri, Luiz Arueira, Marcos Fernandes e Pedro Geiger.

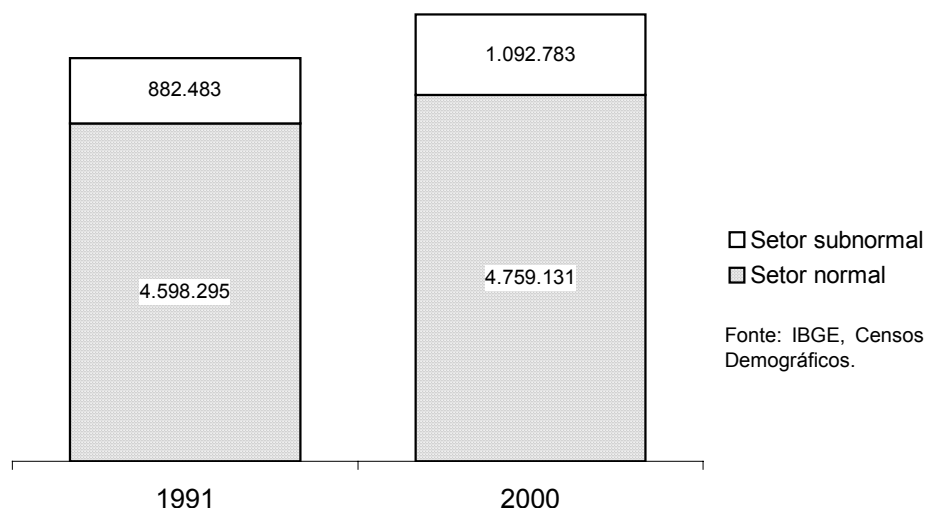
¹ “Censo Demográfico 2000, IBGE: Agregados de Setores da Sinopse Preliminar”. Trata-se de estatísticas de domicílios e população residente, por setor censitário, compiladas a partir das capas de lote dos questionários. O erro estimado em relação ao resultado definitivo é da ordem de 0,1%.

Para medir a evolução de favelas ou outras formas de pobreza urbana, devemos aguardar resultados mais detalhados do Censo, mas esse será um novo capítulo. Por enquanto, o que temos são os dados de população residente em setores subnormais. Considerando todos os senões, vamos usá-los para estimar a evolução das favelas do Rio, como já foi feito tantas vezes com o resultado de pesquisas anteriores.

A) A população carioca continua crescendo, especialmente nas favelas.

No último período inter-censitário, a taxa média de crescimento demográfico foi de 0,73% ao ano, maior que os 0,67% anuais do período anterior (1980 a 1991). Considerando separadamente setores normais e subnormais, a diferença é bem grande. A taxa de crescimento dos setores subnormais é de 2,4% ao ano, enquanto que o resto da cidade cresce apenas 0,38% ao ano. Isso quer dizer que as “favelas” crescem em um ano o que o “asfalto” leva mais de seis anos para crescer, no conjunto. E o crescimento das “favelas” se acelerou recentemente, pois na década anterior a população dos setores subnormais havia crescido apenas 1,91% ao ano. Em resumo, éramos 5.480.778 residentes no Rio em 1991, e passamos a ser 5.851.914 em 2000. E o número de “favelados” já passa de um milhão. A tabela completa está no anexo.

Tabela 1 Rio de Janeiro: população residente segundo tipos de setores

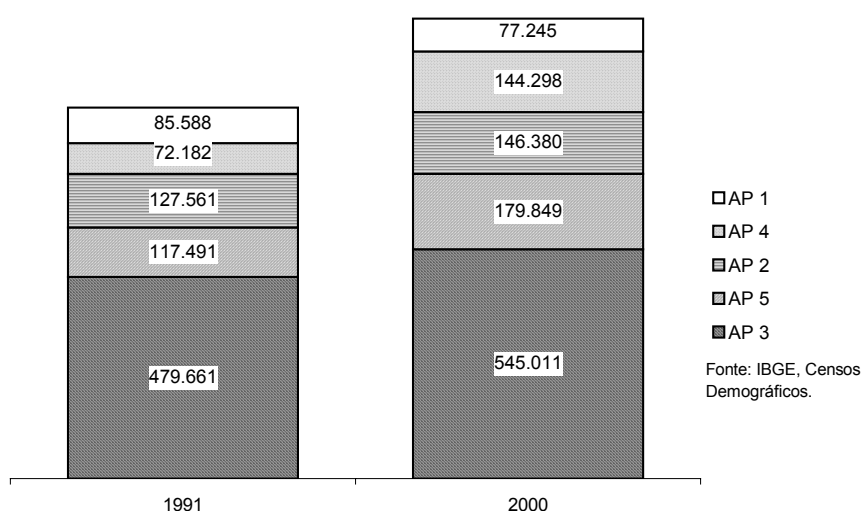


² A rigor, o IBGE usa a denominação *setores não especiais*. Usamos aqui a expressão *setores normais* para facilitar o entendimento, em oposição a *setores subnormais*.

B) Onde se concentram os setores subnormais

A AP-3, que compreende os subúrbios da Central e Leopoldina, além da Ilha do Governador, responde por mais ou menos a metade dos habitantes de setores subnormais de todo o Rio. Mas é na AP-1, área central da cidade, que esses setores representam a maior fatia da população total : 28,7%. No Rio como um todo, 18,7% das pessoas residem em setores subnormais (eram 16% em 1991, e 14% em 1980).

Tabela 2 Distribuição da população em setores subnormais

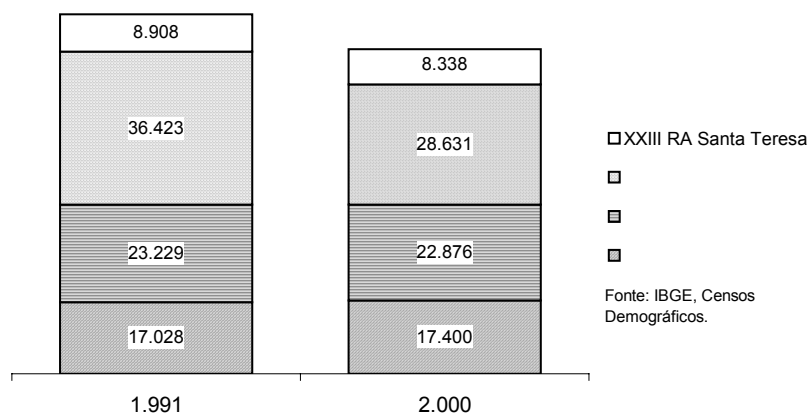


As regiões da Barra e Jacarepaguá, que formam a AP-4, tiveram o crescimento mais rápido nos setores subnormais. No ranking da cidade, elas ultrapassaram a área central (AP-1) em número absoluto de moradores em “favelas”.

C) As regiões consolidadas da cidade crescem pouco, ou até diminuem.

Em boa parte da cidade, a população residente diminuiu nos últimos dez anos. Isso aconteceu também em muitos aglomerados subnormais. O maior despovoamento ocorreu em regiões centrais, como São Cristóvão, Rio Comprido e Santa Teresa. O quadro abaixo mostra como diminuiu ali a população na última década. Apenas na região Portuária foi observado crescimento demográfico em setores subnormais.

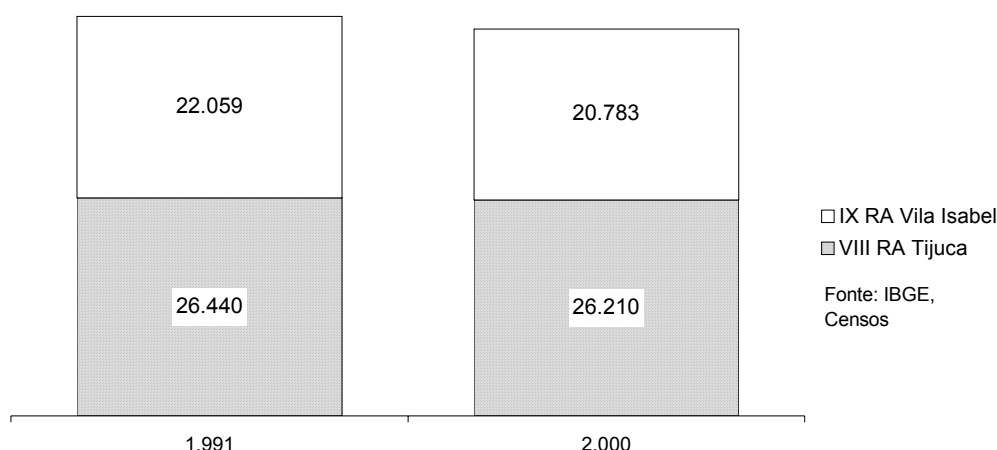
Tabela 3 Área central da cidade: população residente em setores subnormais



Essa área central da cidade passou por uma mudança nos padrões de uso do solo, com retração do uso residencial, e teve alguns setores inteiramente reciclados como a Cidade Nova. Muitas cidades perdem moradores em suas áreas mais centrais. Curioso é que isso tenha ocorrido também em setores subnormais, geralmente associados a uma tendência inexorável de crescimento populacional.

A população residente em setores subnormais também diminuiu em boa parte da zona norte da cidade. Veja-se por exemplo o que revelam os dados para a região da Tijuca e Vila Isabel.

Tabela 4 Tijuca e Vila Isabel: população residente em setores subnormais



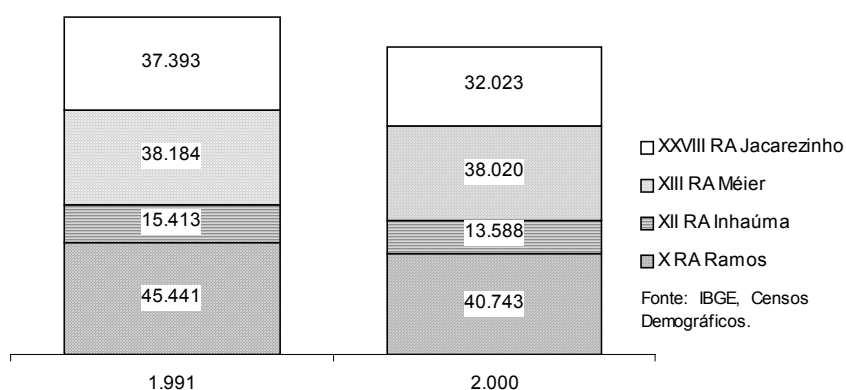
Esses resultados podem decorrer de uma diminuição do número de filhos das famílias, de menos migração (ou mobilidade entre bairros) em direção a essas favelas, ou de uma combinação das tendências. Dificilmente terão decorrido de aumento da mortalidade, uma vez que há indicadores de uma melhoria nas condições sanitárias, e

na esperança de vida. A pesquisa caso a caso, com os resultados completos, permitirá testar essas hipóteses.

Será interessante conferir o que ocorreu em comunidades que tiveram investimentos de infraestrutura, regularização fundiária e cadastramento tributário. Poderemos calcular, em comunidades selecionadas, a área ocupada e a densidade demográfica específica. As ferramentas de análise geográfica disponíveis permitirão um tipo de abordagem, em escala local, que ainda não estava ao alcance dos pesquisadores.

Fenômeno semelhante ocorreu em parte da AP-3, que reúne os subúrbios da Central e da Leopoldina. As regiões de Ramos, Inhaúma e Méier viram reduzir sua população residente nos setores subnormais. Até o Jacarezinho seguiu essa tendência:

Tabela 5 Regiões da AP-3 onde diminuiu a população em setores subnormais



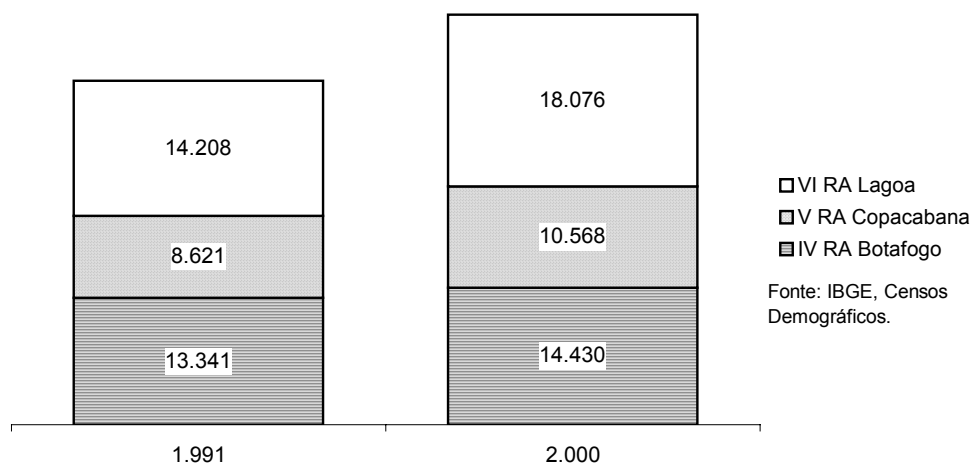
É bem verdade que em outras regiões da AP-3 a população residente em setores subnormais continuou crescendo. Em Anchieta a taxa foi de 6% ao ano, e na Penha quase 5% ao ano. Na AP-3 como um todo, as “favelas” cresceram a uma taxa anual média de 1,43%, enquanto que a população nos setores normais diminuiu 0,22% ao ano.

Na Ilha do Governador a população do “asfalto” cresce nas mesmas taxas do resto da cidade, mas nos seus setores subnormais o ritmo foi quase cinco vezes mais acelerado. Existia ali, em 2000, um morador de “favela” para cada três de “asfalto”. Já na área de Irajá e Madureira a população total está diminuindo, apesar da contínua expansão dos setores subnormais. Na região da Penha, as “favelas” cresceram quase 5% ao ano.

D) Favelas crescendo na Zona Sul.

Ao contrário do que aconteceu na Tijuca e em Vila Isabel, as favelas da Zona Sul continuaram se expandindo na década de 90. Uma análise de nosso cadastro ³ revela que ocorreu aqui um adensamento das favelas antigas, mais do que expansão horizontal ou novos assentamentos. No caso da Lagoa, a taxa de crescimento (2,71% ao ano) foi superior à média da cidade (2,40%). Em média, a população dos setores subnormais da Zona Sul cresceu quase 2% ao ano, enquanto a população dos setores normais “encolhia” 0,6% ao ano.

Tabela 6 Zona sul: população residente em setores subnormais



E) Expansão acelerada na Barra e em Jacarepaguá

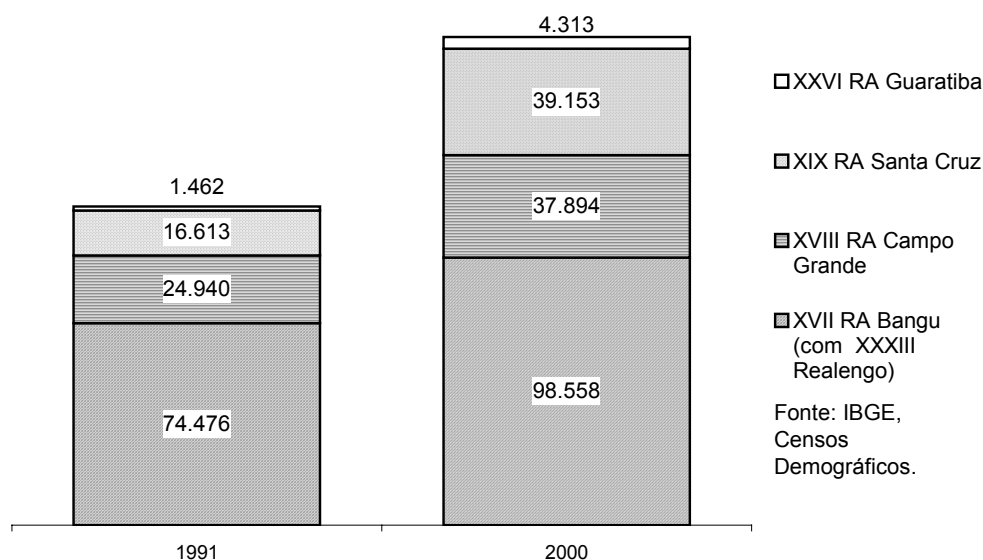
Entre os dois censos, o Rio ganhou 210 mil novos moradores em aglomerados subnormais. Desses, uma terça parte se instalou nas regiões da Barra da Tijuca e Jacarepaguá (que tem apenas 12% da população total). O cadastro de favelas indica que combinou-se ali o crescimento horizontal e vertical das favelas antigas (com destaque para o Rio das Pedras) com o surgimento de novas comunidades, especialmente à custa de áreas de preservação ambiental.

Nessas regiões, as taxas de crescimento foram altas também para a cidade formal: 1,7% e 6% ao ano, respectivamente, para Jacarepaguá e Barra. Nos setores subnormais o crescimento foi bem mais rápido, com taxas de 7,5% ao ano em

³ SABREN, Sistema de Informações sobre Assentamentos de Baixa Renda, DIG/IPP, disponível para acesso pela rede corporativa da Prefeitura. Ver www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Jacarepaguá e quase 10% ao ano na Barra da Tijuca. Um exercício aritmético simples indica que, mantido esse ritmo, Jacarepaguá será uma região majoritariamente “favela” em 2024.

Tabela 8 Zona Oeste: população residente em setores subnormais



F) Crescimento também na zona oeste

O ritmo foi um pouco mais lento que na região de Jacarepaguá, mas a zona oeste cresceu 2,1% ao ano, em média, no período analisado. As taxas de crescimento mais elevadas, de até 12,8% ao ano, ocorreram nos setores subnormais das zonas periféricas, como Guaratiba, escassamente povoadas até a década de 80. É ali que se concentram hoje os maiores bolsões de pobreza da cidade, medidos pelos indicadores da família IDH.

Na zona oeste, o IBGE deve ter muito mais dificuldades em distinguir setores normais de subnormais. O padrão de ocupação do solo é relativamente mais homogêneo e contínuo, com uma sucessão de conjuntos habitacionais, loteamentos, parcelamentos irregulares e invasões. Talvez por isso a zona oeste tenha uma população apenas 12% de sua população em setores subnormais, menos que qualquer outra área da cidade.

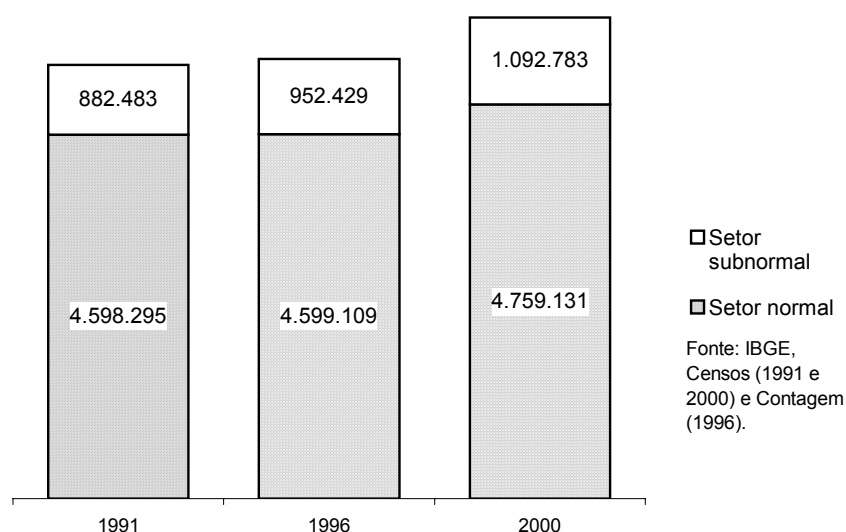
G) Diferenças entre a primeira e a segunda metades da década

A Contagem Populacional realizada pelo IBGE em 1996 revelou que a população carioca estava perto de se estabilizar, crescendo em média 0,26% ao ano desde o Censo anterior (1991). Mesmo nos setores subnormais, onde há mais pobreza, o crescimento demográfico não alcançava 1,6% ao ano. Parecia ser uma ótima notícia, conseqüência de melhorias nos níveis de educação e de renda, e também de uma menor pressão migratória.

Os resultados do Censo 2000, contudo, não confirmaram a boa nova. Feitas as contas da população total, o crescimento entre 1996 e 2000 fora de 1,33% ao ano, mais de cinco vezes a taxa do quinquênio anterior. Mudanças tão rápidas não são comuns na demografia das grandes cidades, a não ser em épocas de migrações importantes. Cogitou-se de problemas metodológicos para a comparação entre os Censos e as Contagens. Apenas os resultados mais detalhados do Censo 2000 vão poder esclarecer essa dúvida, a partir do estudo da pirâmide etária e da contabilização dos migrantes.

Se considerarmos apenas os setores subnormais, a taxa de crescimento anual passou de 1,54% na primeira metade da década para 3,5% na segunda metade. Curioso que tenha acelerado menos que a população total.

Tabela 9 Rio de Janeiro: população residente segundo tipos de setores



O crescimento foi mais concentrado em algumas partes da cidade. Na Barra da Tijuca, as favelas cresceram quase 19% ao ano na segunda metade dos anos 90. É a mesma taxa da região de Santa Cruz, e quase seis vezes mais rápido que no período anterior.

Na região de Guaratiba, a taxa atingiu 24% ao ano. Nesse ritmo, a população “favelada” dobra a cada três anos. Taxas elevadas também surgem na segunda metade da década na região de Santa Cruz, na casa dos 19% ao ano, Jacarepaguá, Anchieta e Penha - todos acima dos 10% ao ano.

Na Tijuca, uma das regiões em que o número de favelados teria diminuído na década, a comparação entre os resultados de 1996 e 2000 sugere que a expansão recomeçou, e as favelas estariam crescendo 1,8% ao ano. Nas favelas da zona sul, contrariamente, a população teria diminuído na segunda metade da década, formando séries aparentemente erráticas nos dados censitários. É mais uma das dúvidas que a análise detalhada terá que esclarecer.

H) As próximas perguntas

Com os resultados divulgados até aqui, o Censo 2000 não nos leva propriamente a conclusões sobre o que aconteceu com as favelas cariocas. Mas há elementos suficientes para traçar hipóteses, a serem testadas com os números definitivos de fertilidade, mobilidade e migrações. Algumas dessas hipóteses:

1. Muitas áreas da cidade perdem população, especialmente as mais antigas e de ocupação consolidada. Nessas áreas a população de favelas pode diminuir também (Tijuca, Vila Isabel, Ramos) ou pode aumentar (Copacabana, Lagoa, Penha). Essas diferenças resultam principalmente de migrações, ou de mobilidade entre bairros. Confirmada a tendência, será interessante avaliar a correlação com fatores externos como obras de infraestrutura, regularização fundiária e tributária etc..
2. Onde a cidade mais cresceu, as regiões de Barra e Jacarepaguá, o crescimento foi quase dividido ao meio: para cada 100 novos moradores da cidade formal (setores normais) surgiram 86 moradores em favela (setores subnormais).
3. A maior parte do crescimento parece ter ocorrido no período mais recente. De cada três novos moradores de favelas nessa década, dois surgiram entre 1996 e 2000.

QUADRO 1

População residente no Município do Rio de Janeiro segundo tipo de setor censitário (normal x subnormal)
por Área de Planejamento e Região Administrativa, 1991 / 1996 / 2000

| Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas (1) | 1991 | | | 1996 | | | 2000 | | |
|--|------------------|----------------|------------------|------------------|----------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| | Total | Subnormal | Normal | Total | Subnormal | Normal | Total | Subnormal | Normal |
| Total | 5 480 778 | 882 483 | 4 598 295 | 5 551 538 | 952 429 | 4 599 109 | 5 851 914 | 1 092 783 | 4 759 131 |
| Área de Planejamento 1 | 303 695 | 85 588 | 218 107 | 282 544 | 83 685 | 198 859 | 268 942 | 77 245 | 191 697 |
| I RA Portuária | 44 085 | 17 028 | 27 057 | 40 727 | 16 971 | 23 756 | 39 955 | 17 400 | 22 555 |
| II RA Centro | 49 095 | 0 | 49 095 | 42 239 | - | 42 239 | 39 116 | 0 | 39 116 |
| III RA Rio Comprido | 82 344 | 23 229 | 59 115 | 81 095 | 25 484 | 55 611 | 73 628 | 22 876 | 50 752 |
| VII RA São Cristóvão | 80 360 | 36 423 | 43 937 | 72 354 | 33 148 | 39 206 | 71 680 | 28 631 | 43 049 |
| XXI RA Paquetá | 3 257 | 0 | 3 257 | 2 723 | - | 2 723 | 3 421 | 0 | 3 421 |
| XXIII RA Santa Teresa | 44 554 | 8 908 | 35 646 | 43 406 | 8 082 | 35 324 | 41 142 | 8 338 | 32 804 |
| Área de Planejamento 2 | 1 034 612 | 127 561 | 907 051 | 1 004 785 | 137 902 | 866 883 | 996 131 | 146 380 | 849 751 |
| IV RA Botafogo | 251 668 | 13 341 | 238 327 | 250 220 | 17 491 | 232 729 | 238 673 | 14 430 | 224 243 |
| V RA Copacabana | 169 680 | 8 621 | 161 059 | 168 836 | 13 773 | 155 063 | 160 834 | 10 568 | 150 266 |
| VI RA Lagoa | 177 072 | 14 208 | 162 864 | 174 115 | 14 904 | 159 211 | 173 744 | 18 076 | 155 668 |
| VIII RA Tijuca | 194 483 | 26 440 | 168 043 | 180 520 | 24 365 | 156 155 | 180 817 | 26 210 | 154 607 |
| IX RA Vila Isabel | 198 817 | 22 059 | 176 758 | 185 509 | 21 784 | 163 725 | 185 750 | 20 783 | 164 967 |
| XXVII RA Rocinha | 42 892 | 42 892 | 0 | 45 585 | 45 585 | 0 | 56 313 | 56 313 | 0 |
| Área de Planejamento 3 | 2 323 990 | 479 661 | 1 844 329 | 2 297 712 | 505 092 | 1 792 620 | 2 352 582 | 545 011 | 1 807 571 |
| X RA Ramos | 147 497 | 45 441 | 102 056 | 144 961 | 46 517 | 98 444 | 150 352 | 40 743 | 109 609 |
| XI RA Penha | 314 981 | 49 126 | 265 855 | 304 200 | 51 357 | 252 843 | 318 649 | 75 770 | 242 879 |
| XII RA Inhaúma | 137 539 | 15 413 | 122 126 | 127 509 | 13 920 | 113 589 | 130 156 | 13 588 | 116 568 |
| XIII RA Méier | 423 013 | 38 184 | 384 829 | 398 591 | 43 345 | 355 246 | 398 251 | 38 020 | 360 231 |

| | | | | | | | | | |
|---|------------------|----------------|------------------|------------------|----------------|------------------|------------------|----------------|------------------|
| XIV RA Irajá | 210 889 | 23 702 | 187 187 | 205 893 | 26 031 | 179 862 | 202 876 | 25 878 | 176 998 |
| XV RA Madureira | 373 753 | 38 621 | 335 132 | 362 442 | 41 977 | 320 465 | 373 452 | 45 182 | 328 270 |
| XX RA Ilha do Governador | 197 158 | 48 371 | 148 787 | 199 347 | 52 952 | 146 395 | 211 377 | 57 224 | 154 153 |
| XXII RA Anchieta | 141 587 | 9 549 | 132 038 | 148 590 | 10 971 | 137 619 | 154 521 | 16 204 | 138 317 |
| XXV RA Pavuna | 179 256 | 59 812 | 119 444 | 197 538 | 59 521 | 138 017 | 197 066 | 73 625 | 123 441 |
| XXVIII RA Jacarezinho | 41 079 | 37 393 | 3 686 | 38 514 | 34 919 | 3 595 | 36 428 | 32 023 | 4 405 |
| XXIX RA Complexo do Alemão | 62 037 | 51 591 | 10 446 | 64 031 | 54 765 | 9 266 | 65 637 | 56 903 | 8 734 |
| XXX RA Maré | 95 201 | 62 458 | 32 743 | 106 096 | 68 817 | 37 279 | 113 817 | 69 851 | 43 966 |
| Área de Planejamento 4 | 526 302 | 72 182 | 454 120 | 575 992 | 86 157 | 489 835 | 680 895 | 144 298 | 573 729 |
| XVI RA Jacarepaguá (com XXXIV Cidade de Deus) | 428 073 | 58 829 | 369 244 | 446 360 | 70 605 | 375 755 | 506 760 | 113 227 | 430 665 |
| XXIV RA Barra da Tijuca | 98 229 | 13 353 | 84 876 | 129 632 | 15 552 | 114 080 | 174 135 | 31 071 | 143 064 |
| Área de Planejamento 5 | 1 292 179 | 117 491 | 1 174 688 | 1 390 505 | 139 593 | 1 250 912 | 1 553 364 | 179 849 | 1 373 515 |
| XVII RA Bangu (com XXXIII Realengo) | 595 960 | 74 476 | 521 484 | 619 745 | 84 572 | 535 173 | 658 968 | 98 498 | 560 470 |
| XVIII RA Campo Grande | 380 942 | 24 940 | 356 002 | 418 677 | 33 659 | 385 018 | 482 492 | 37 894 | 444 598 |
| XIX RA Santa Cruz | 254 503 | 16 613 | 237 890 | 277 776 | 19 574 | 258 202 | 311 120 | 39 144 | 271 976 |
| XXVI RA Guaratiba | 60 774 | 1 462 | 59 312 | 74 307 | 1 788 | 72 519 | 100 784 | 4 313 | 96 471 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991; Contagem da População 1996; e Agregado de Setores da Sinopse preliminar do Censo Demográfico 2000.
 Tabulação: IPP/DIG.

Notas: (1) Os dados de 1991 para Rocinha, Complexo do Alemão, Maré, Lagoa, Ramos e Inhaúma, que foram criadas depois do Censo ou tiveram seus limites alterados, foram obtidos através da compatibilização entre os setores censitários.

2) Embora já estejam disponíveis os dados definitivos de 2000 para população total, estamos utilizando aqui os dados preliminares, que tratam dos setores subnormais. A diferença é da ordem de 0,1%.

QUADRO 2

Taxas geométricas médias anuais de crescimento da população residente no Município do Rio de Janeiro segundo tipo de setor censitário (normal x subnormal), por Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas - 1991 / 1996 / 2000

| Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas (1) | Taxas anuais médias de crescimento da população residente segundo tipo de setor censitário | | | | | | | | |
|---|--|--------------|-------------|-----------------|--------------|--------------|-----------------|--------------|--------------|
| | (%) 1991 a 1996 | | | (%) 1996 a 2000 | | | (%) 1991 a 2000 | | |
| | Total | Subnormal | Normal | Total | Subnormal | Normal | Total | Subnormal | Normal |
| Total | 0,26 | 1,54 | 0,0 | 1,33 | 3,50 | 0,86 | 0,73 | 2,40 | 0,38 |
| Área de Planejamento 1 | -1,43 | -0,45 | -1,8 | -1,23 | -1,98 | -0,91 | -1,34 | -1,13 | -1,42 |
| I RA Portuária | -1,57 | -0,07 | -2,6 | -0,48 | 0,63 | -1,29 | -1,09 | 0,24 | -2,00 |
| II RA Centro | -2,96 | - | -3,0 | -1,90 | - | -1,90 | -2,49 | - | -2,49 |
| III RA Rio Comprido | -0,31 | 1,87 | -1,2 | -2,39 | -2,66 | -2,26 | -1,24 | -0,17 | -1,68 |
| VII RA São Cristóvão | -2,08 | -1,87 | -2,3 | -0,23 | -3,60 | 2,37 | -1,26 | -2,64 | -0,23 |
| XXI RA Paqueta | -3,52 | - | -3,5 | 5,87 | - | 5,87 | 0,55 | - | 0,55 |
| XXIII RA Santa Teresa | -0,52 | -1,93 | -0,2 | -1,33 | 0,78 | -1,83 | -0,88 | -0,73 | -0,92 |
| Área de Planejamento 2 | -0,58 | 1,57 | -0,9 | -0,22 | 1,50 | -0,50 | -0,42 | 1,54 | -0,72 |
| IV RA Botafogo | -0,12 | 5,57 | -0,5 | -1,17 | -4,70 | -0,92 | -0,59 | 0,88 | -0,67 |
| V RA Copacabana | -0,10 | 9,82 | -0,8 | -1,21 | -6,41 | -0,78 | -0,59 | 2,29 | -0,77 |
| VI RA Lagoa | -0,34 | 0,96 | -0,5 | -0,05 | 4,94 | -0,56 | -0,21 | 2,71 | -0,50 |
| VIII RA Tijuca | -1,48 | -1,62 | -1,5 | 0,04 | 1,84 | -0,25 | -0,81 | -0,10 | -0,92 |
| IX RA Vila Isabel | -1,38 | -0,25 | -1,5 | 0,03 | -1,17 | 0,19 | -0,75 | -0,66 | -0,76 |
| XXVII RA Rocinha | 1,23 | 1,23 | - | 5,43 | 5,43 | - | 3,07 | 3,07 | - |
| Área de Planejamento 3 | -0,23 | 1,04 | -0,6 | 0,59 | 1,92 | 0,21 | 0,14 | 1,43 | -0,22 |
| X RA Ramos | -0,35 | 0,47 | -0,7 | 0,92 | -3,26 | 2,72 | 0,21 | -1,21 | 0,80 |
| XI RA Penha | -0,69 | 0,89 | -1,0 | 1,17 | 10,21 | -1,00 | 0,13 | 4,93 | -1,00 |
| XII RA Inhaúma | -1,50 | -2,02 | -1,4 | 0,51 | -0,60 | 0,65 | -0,61 | -1,39 | -0,52 |
| XIII RA Méier | -1,18 | 2,57 | -1,6 | -0,02 | -3,22 | 0,35 | -0,67 | -0,05 | -0,73 |
| XIV RA Irajá | -0,48 | 1,89 | -0,8 | -0,37 | -0,15 | -0,40 | -0,43 | 0,98 | -0,62 |
| XV RA Madureira | -0,61 | 1,68 | -0,9 | 0,75 | 1,86 | 0,60 | -0,01 | 1,76 | -0,23 |

| | | | | | | | | | |
|---|-------------|-------------|------------|-------------|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| XX RA Ilha do Governador | 0,22 | 1,83 | -0,3 | 1,48 | 1,96 | 1,30 | 0,78 | 1,89 | 0,39 |
| XXII RA Anchieta | 0,97 | 2,82 | 0,8 | 0,98 | 10,24 | 0,13 | 0,98 | 6,05 | 0,52 |
| XXV RA Pavuna | 1,96 | -0,10 | 2,9 | -0,06 | 5,46 | -2,75 | 1,06 | 2,34 | 0,37 |
| XXVIII RA Jacarezinho | -1,28 | -1,36 | -0,5 | -1,38 | -2,14 | 5,21 | -1,33 | -1,71 | 2,00 |
| XXIX RA Complexo do Alemão | 0,63 | 1,20 | -2,4 | 0,62 | 0,96 | -1,47 | 0,63 | 1,09 | -1,97 |
| XXX RA Maré | 2,19 | 1,96 | 2,6 | 1,77 | 0,37 | 4,21 | 2,00 | 1,25 | 3,33 |
| Área de Planejamento 4 | 1,82 | 3,60 | 1,5 | 4,27 | 13,76 | 4,03 | 2,90 | 8,00 | 2,63 |
| XVI RA Jacarepaguá (com XXXIV Cidade de Deus) | 0,84 | 3,72 | 0,4 | 3,22 | 12,53 | 3,47 | 1,89 | 7,55 | 1,72 |
| XXIV RA Barra da Tijuca | 5,70 | 3,10 | 6,1 | 7,66 | 18,89 | 5,82 | 6,57 | 9,84 | 5,97 |
| Área de Planejamento 5 | 1,48 | 3,51 | 1,3 | 2,81 | 6,54 | 2,37 | 2,07 | 4,84 | 1,75 |
| XVII RA Bangu (com XXXIII Realengo) | 0,79 | 2,58 | 0,5 | 1,55 | 3,88 | 1,16 | 1,12 | 3,15 | 0,80 |
| XVIII RA Campo Grande | 1,91 | 6,18 | 1,6 | 3,61 | 3,01 | 3,66 | 2,66 | 4,76 | 2,50 |
| XIX RA Santa Cruz | 1,77 | 3,33 | 1,7 | 2,87 | 18,92 | 1,31 | 2,26 | 9,99 | 1,50 |
| XXVI RA Guaratiba | 4,10 | 4,11 | 4,1 | 7,92 | 24,62 | 7,40 | 5,78 | 12,77 | 5,55 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991; Contagem da População 1996; e Agregado de Setores da Sinopse preliminar do Censo Demográfico 2000.

Tabulação: IPP/DIG.

Notas: (1) Os dados de 1991 para Rocinha, Complexo do Alemão, Maré, Lagoa, Ramos e Inhaúma, que foram criadas depois do Censo ou tiveram seus limites alterados, foram obtidos através da compatibilização entre os setores censitários.

2) Embora já estejam disponíveis os dados definitivos de 2000 para população total, estamos utilizando aqui os dados preliminares, que tratam dos setores subnormais. A diferença é da ordem de 0,1%.